[(1883), *A Época*: ano II, nº 81, 21 de Julho (Ponta Delgada)]

A INTELIGÊNCIA E O TAMANHO DA CABEÇA. A INTELIGÊNCIA DA MULHER E A DO HOMEM.

Há em fisiologia uma lei perfeitamente verificada, de que os órgãos se desenvolvem pelo exercício.

O cérebro e o crânio não poderiam escapar a esta lei.

Mais do que qualquer outro órgão, o cérebro, todos os sabem, está numa actividade constante; mas o trabalho mais enérgico que ele pode executar, é o de associar grande número de ideias.

A inteligência, portanto, que é exclusivamente este trabalho superior de associar ideias, não simplesmente o de ter algumas e muito menos o da mera manifestação de sentimentos; a inteligência é pois essencialmente capaz de fazer desenvolver o cérebro. O desenvolvimento deste deve necessariamente trazer consigo o desenvolvimento da cápsula que o contem, do crânio.

Vejamos de que modo os factos comprovam isto, e em que sentido apenas podem eles dar a medida de uma apreciação justa.

Cada vez que se anuncia a lei de que acabamos de falar – que o tamanho do crânio está geralmente em relação com a inteligência; ouve-se dizer que isto não deve ser assim, porque se conhece em todas as camadas sociais cabeças pequenas muito inteligentes e cabeças grandes muito estúpidas, e que mesmo muitos homens eminentes tem apresentado crânios de uma capacidade inferior à média do grosso da população em que vivem. Cita-se presentemente Gambetta.

Sem dúvida o desenvolvimento craniano e o intelectual não estão tão exclusivamente relacionados um com o outro, a ponto de que essa relação possa dar uma medida infalível para julgar de qualquer caso individual. Como com todas as relações fisiológicas dos órgãos, na do crânio e da inteligência acontece que é indispensável pôr de parte os casos individuais e operar e comparar em vastas séries destes casos. Duvidar da generalidade da lei, deste modo revelada, e querer buscar novas bases para a apreciação, segundo uma regra fixa, impossível, dos casos individuais, porque um ou outro apareceu contraditório, é uma das numerosas formas de disfarce do espírito metafísico que ainda vemos em Biologia.

Com a nutrição, por exemplo, dependente não só do muito comer, mas principalmente do muito aproveitar os princípios nutritivos da comida, às vezes bem pouca, acontece o mesmo que com a inteligência, relacionada não só com o tamanho do cérebro e tamanho consequente do crânio, mas principalmente também com a qualidade e quantidade das células pensantes, quantidade que pode duplicar-se no mesmo espaço em virtude somente dum maior número de circunvoluções.

Ninguém se lembra pois de afirmar que todo o homem que é gordo é porque come muito, como ninguém se lembra de afirmar que todo o homem que tem cabeça grande é porque pensa muito; mas, à vista de uma população geralmente magra, todos podem afirmar que ela se alimenta menos do que outra que seja geralmente bem nutrida, do mesmo modo que, à vista duma população de circunferências cranianas geralmente pequenas, todos podem afirmar que ela é menos inteligente do que uma população de circunferências geralmente maiores.

É ao Dr. Gustavo Le Bon que se deve um dos trabalhos mais interessantes a este respeito – *Recherches anatomiques et mathématiques sur les variations de volume du crâne.* Considerando os casos individuais na massa dos fenómenos

observados, e rejeitando completamente o emprego ilusório das medidas que são apenas uma indicação muito grosseira, o Dr. Le Bon operou sobre séries de indivíduos observados mais ou menos vastas, verificou não as diferenças insignificantes que havia entre as médias das diversas camadas sociais, mas as diferenças profundas consistentes nos tantos por cento de certa circunferência ou capacidade craniana que uma camada possuía e a outra não. Assim ele pôde classificar a sociedade francesa actual; conforme a capacidade dos seus crânios, em cinco camadas, classificação que concorda perfeitamente com o desenvolvimento real da sua inteligência: — a camada mais inferior, aquela, em que há a maior frequência de crânios pequenos, acha-se composta de *camponeses*; seguem-se gradualmente os *criados*, os *nobres de antigas famílias,* os *burgueses* e por último os *sábios e letrados* cuja capacidade, verdadeiramente gigantesca, acusa perfeitamente a soma de trabalho intelectual que lhe foi preciso fazer para alcançarem estes títulos igualmente superiores.

A estatura e o sexo têm, como era de esperar, uma grande influência sobre o desenvolvimento do crânio. Na primeira é uma relação anatómica, no segundo é ainda uma relação com o estado intelectual.

A mulher, em cujo cérebro andam geralmente os sentimentos e não as ideias, o impulso do momento e não a reflexão, é inferior em inteligência ao homem, nas diversas camadas sociais e nas diversas raças – as camponesas de uma aldeia são inferiores aos camponeses da mesma aldeia, as negras são inferiores aos negros, as chinesas aos chineses. É assim que no trabalho de Le Bon as parisienses modernas estão muito abaixo dos homens respectivos pela capacidade do seu crânio, tendo interpostos os negros.

Quando a mulher nos vem de um longo passado histórico, maltratada pelas religiões, tratada como besta de carga pelas civilizações primitivas e ainda hoje pelos selvagens (e quantas nos lares domésticos que nos rodeiam!), compreendemos sem custo que esse profundo abismo intelectual que a separa do homem não é mais do que uma consequência necessária.

Nas escolas vemos efectivamente que enquanto dura a primeira infância, fase que recorda esse estado passado da humanidade em que a mulher ainda não diferia sensivelmente do homem pelas condições iguais de existência em que ambos viviam, vemos que os rapazes e as raparigas aprendem tudo com a mesma facilidade; mas, uma vez passada essa primeira fase e entrados uns e outros naquela em que se começa a desenvolver a herança das profundas diferenças que condições de existência cada vez mais opostas têm vindo a acumular durante séculos, uma vez entrados neste ponto, as cousas mudam inteiramente e é impossível prolongar a educação de verdadeiras ideias numa menina com aproveitamento sensível. Seriam precisos séculos e séculos para elevar a inteligência feminina, por séculos e séculos abaixada, ao nível da inteligência do homem, e mesmo assim seria preciso que este, sempre indomável na conquista do saber, estivesse disposto a esperar.

Sem dúvida, no século actual, a educação intelectual da mulher tem frutificado consideravelmente; mas em que século também foi nunca tão prodigiosamente fecunda a educação intelectual do homem? Acrescentaremos que é quase exclusivamente nas artes, na poesia, na literatura, na música e no drama, em tudo aquilo que verdadeiramente mais depende dos sentimentos, que as mulheres têm conseguido fazer alguma coisa fora do comum, e que, mesmo assim, comparados com os do homem, os exemplos de mulheres assim consideradas excepcionalmente inteligentes, são das maiores raridades que se conhece. Podem citar-se Staëls e Rosas Bonheur em abundância; não se cita senão uma Clémence Royer. A insistência com

que se aponta, para contradizer estas ideias, os raros génios femininos, não é, de resto e no fundo, senão uma veneração profunda por um acontecimento quase incrível.

Os factos constatados por toda a parte, têm feito convencer os antropologistas e sociologistas mais eminentes de que não somente é impossível nivelar a inteligência da mulher, mas que a diferença entre esta e a do homem será, pelo contrário, cada vez mais profunda.

O Dr. Le Bon escreve que os atractivos sexuais são na realidade o que constitui a única força das mulheres, e é uma profunda verdade.

Estas considerações porém nada tem de contristadoras: o homem permanecerá eternamente escravo dos atractivos sexuais e a mulher está muito bem colocada no lugar civilizado que hoje ocupa, e é preciso encarar com frieza e com respeito as necessidades que a tornaram inferior em inteligência, mas superior a outros respeitos. Os factos são iniludíveis e a compensação, se a mulher a quiser procurar (porque a tem) há-de ir buscá-la na maior soma de sentimentos utilíssimos para a vida das sociedades e estranhos ao cérebro do homem; mas nunca há-de elevar-se com pequeninos despeitos românticos que mais provam ainda a inferioridade do seu modo de pensar.

É sobretudo no amor conjugal, na maternidade e na economia doméstica que a mulher vale. Querer tirá-la daqui, aonde uma educação conveniente podia fazê-la em poucos anos verdadeiramente superior, para a fazer concorrer em exames com o pleno vigor intelectual dos 20 anos de um rapaz, pretendendo que a sua superioridade pode nascer de um modo geral da geografia ou da história que ela nunca poderá aprender, como o exigem os rigorosos métodos modernos, nem em séculos, é tempo perdido. Por fim, nem instrução, nem o precioso sentimento do lar que ao menos a educação passada sabia conservar. A mulher tem a superioridade dos finos sentimentos de esposa e de mãe, a inteligência suficiente para os negócios domésticos do interior; o homem possui e carece cada vez mais da inteligência incomparavelmente maior para as lutas exteriores da existência.

A evidência da superioridade intelectual do homem, encarada friamente, longe de ser humilhante para a mulher, é preciosa neste sentido, em que ela deixa ver em todo o seu valor o lugar insubstituível de cada um. Estudado à luz da história e da antropologia, esse abismo intelectual que separa o homem da mulher, tanto mais, quanto mais superior é a raça e mais avançada a civilização, diz-nos que o homem está fatalmente condenado a ser cada vez mais homem, e a mulher cada vez mais mulher.

*

* *

É grato para quem começa a estudar, o achar em observações próprias a comprovação daquilo que os livros dos mestres lhe ensinam. A ciência, de certo, não carece desta comprovação; mas a convicção pessoal, a nossa maneira de encarar o valor dessas evidências capitais que a ciência vai produzindo, tem aí muito que ganhar.

Algumas observações antropológicas, feitas por nós na população micaelense, têm-nos dado a plena convicção de todas as ideias contidas nos trabalhos essenciais do Dr. Gustavo Le Bon.

Medimos as circunferências cranianas de 100 camponeses adultos, de 17 camponesas e de 30 indivíduos mais ou menos ilustrados, e os resultados deste longo trabalho podem resumir-se: —

Os indivíduos mais ou menos ilustrados ocupam uma posição muito superior; as circunferências cranianas que nos camponeses são excepções, constituem nelas a regra geral;

Os camponeses ocupam uma posição intermediária;

As camponesas tem um lugar muito inferior; circunferências de 50 e 51 centímetros de que nelas há 12 %, não foram encontradas em um único dos numerosos indivíduos masculinos que medimos;

As circunferências das camponesas acabam precisamente aonde as dos mais ou menos ilustrados começam; elas possuem todos os seus casos abaixo de 55 centímetros e os outros possuem tudo dali para cima. Este facto é essencial.

Dividindo os nossos 100 camponeses em três grupos de diversas alturas, vemos que a circunferência craniana vai aumentando gradualmente para o grupo dos mais altos. Nestes pobres roubados há quatro séculos à corrente mãe das ideias e privados de qualquer educação intelectual conveniente, a massa dos desenvolvimentos do crânio aparece pois, não em virtude de uma superioridade da inteligência, mas apenas em virtude de uma relação meramente anatómica. Este facto seria importante para algumas ideias da nossa política.

Dependendo assim intimamente o tamanho da cabeça da altura do corpo e sendo as camponesas mais baixas, será preciso compará-las, não já com a totalidade dos camponeses observados, mas apenas com um número igual daqueles cuja estatura seja também a mesma. Isto feito, as camponesas conservam-se ainda muito inferiores pela circunferência do seu crânio aos 18 camponeses da sua altura.

Não sendo, pelo contrário, os indivíduos mais ou menos ilustrados de uma estatura superior à dos camponeses, é evidente que a sua superioridade craniana se deve atribuir ao maior desenvolvimento da sua inteligência.

Ponta Delgada, 16 de Julho de 1883.